

**DA FORMAÇÃO INICIAL A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE: CAMINHOS
PERCORRIDOS PELO PROFESSOR HERALDO SIMÕES**

FROM INITIAL TRAINING TO PROFESSIONAL TEACHING: PATHS TAKEN BY
PROFESSOR HERALDO SIMÕES

DE LA FORMACIÓN INICIAL A LA DOCÊNCIA PROFESIONAL: CAMINOS
RECORRIDOS POR EL PROFESOR HERALDO SIMÕES

Symon Tiago Brandão de Souza¹ 0000-0003-2899-9664
Arliene Stephanie Menezes Pereira² 0000-0002-3042-538X
Maria Adriana Borges dos Santos³ 0000-0003-2090-2864

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Itapipoca, Ceará, Brasil; symontiago@hotmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Paracuru, Ceará, Brasil; symontiago@hotmail.com

³ Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza, Ceará, Brasil; madrriborges@hotmail.com

RESUMO:

Realizamos uma entrevista narrativa com o professor Heraldo Simões Ferreira, Professor do ensino superior na Universidade Estadual do Ceará (Uece), de forma on-line no dia 06 de novembro de 2020 na cidade Fortaleza-CE. O professor nos relata sobre sua trajetória acadêmica desde a formação inicial, além dos aspectos inerentes a sua história de vida que se convergem com sua atuação profissional como professor de Educação Física, nos levando em suas narrativas até a sua atuação num Programa de Pós-Graduação.

Palavras-chave: entrevista; Heraldo Simões; educação física.

ABSTRACT:

We conducted a narrative interview with Professor Heraldo Simões Ferreira, Professor of Higher Education at the State University of Ceará (Uece), online on 6 November 2020 in the city of Fortaleza-CE. The professor tells us about his academic trajectory since his initial training, in addition to the aspects inherent to his life history that converges with his professional performance as a Physical Education teacher, taking us in his narratives to his performance in a Graduate Program.

Keywords: interview; Heraldo Simões; physical education.

RESUMEN:

Realizamos una entrevista narrativa con el Profesor Heraldo Simões Ferreira, Profesor de Educación Superior de la Universidad Estatal de Ceará (Uece), en línea el 6 de noviembre de 2020 en la ciudad de Fortaleza-CE. El profesor nos cuenta su trayectoria académica desde su formación inicial, además de los aspectos inherentes a su historia de vida que confluyen con su desempeño profesional como docente de Educación Física, llevándonos en sus narraciones a su desempeño en un Programa de Posgrado.

Palabras clave: entrevista; Heraldo Simões; educación física.

Apresentação

Estudos que tratam da trajetória profissional e de formação de professores têm sido apresentados com maior frequência e têm se mostrado importantes para a reflexão referente à formação docente e desenvolvimento profissional. Nóvoa (2000) considera a história de vida como uma relevante fonte de referência sobre a prática profissional docente; e estudos como o de Almeida e Fensterseifer (2007) e Santos, Almeida e Bracht (2009) colocam como objeto de investigação a história de vida, da formação e do desenvolvimento profissional docente. Para Souza (2022) aqueles que viveram determinados períodos muito têm a nos contar sobre fatos, personagens e influências que se entrelaçam e nos fazem compreender parte da história.

Nesse contexto, realizamos uma entrevista narrativa com o professor Heraldo Simões Ferreira, da Universidade Estadual do Ceará (Uece). Tal entrevista foi articulada para se compreender a trajetória de formação de um professor do ensino superior, sua inserção na Educação Física (EF) e ainda suas contribuições como professor formador. Para este contexto, tomamos como base outras entrevistas já realizadas com professores de EF (PEREIRA; GOMES; LIMA, 2018; PEREIRA; GOMES, 2018; PEREIRA; GUEDES, 2020).

Heraldo Simões foi selecionado por ser um professor formador e pesquisador, que apresenta relevante contribuição para o campo da EF, em especial no estado do Ceará e ainda com diversas publicações de capítulos e livros, artigos em periódicos científicos, orientações de monografias, dissertações e teses.

Diante do contexto atual relacionado a pandemia de covid-19, utilizamos a ferramenta de comunicação denominada *Google Meet* para a entrevista, que ocorreu de forma on-line às 14 horas do dia 06 de novembro de 2020, sendo entrevista única com duração média de quarenta minutos; gravada, transcrita, textualizada e por fim validada.

O currículo do professor Heraldo Simões Ferreira nos permite apontar suas contribuições como docente e como pesquisador para a EF. O referido professor é graduado em EF pela Unifor. Em 2001 finalizou a Especialização em Psicomotricidade pela Uece. É mestre em Educação em Saúde pela Unifor, concluindo no ano de 2005. Concluiu o doutorado no ano de 2011, na Uece. E realizou Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, área de EF escolar, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), no ano de 2016.

Como docente, iniciou sua carreira profissional como professor de Karatê. Foi também professor de EF escolar da Educação Básica pública e privada durante 16 anos no estado do

Ceará. No nível superior, ministrou aulas na Unifor em 1992, e atualmente é professor adjunto da UECE desde 2005 no curso de EF. É professor permanente dos Programa de Pós-Graduação da Uece em Educação e do Curso de Mestrado Profissional Ensino na Saúde (Cmepes). É coordenador do curso de Graduação em EF à Distância da Uece/Universidade Aberta do Brasil (UAB) desde o ano de 2016, da Especialização em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas da Uece, desde 2012, e do Projeto de Extensão Núcleo de Danças e Lutas (Nudal) desde 2009. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em EF escolar (GEPEFE/Uece) desde 2013. Ainda é avaliador de cursos de graduação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas do Ministério da Educação (INEP/MEC). O entrevistado possui 78 artigos, 34 capítulos de livro publicados, além de autoria/organização de 12 livros.

Figura 1 - Heraldo Simões Ferreira.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

No âmbito esportivo, Heraldo Simões tem uma vida dedicada as artes marciais e as lutas, sendo faixa preta de Karatê 6º grau, e faixa azul de Judô e Jiu-jitsu. Foi atleta da seleção brasileira de Karatê em três oportunidades, além de decacampeão cearense, tricampeão norte-nordeste, bicampeão brasileiro e ainda o terceiro colocado no sul-americano, que aconteceu no Uruguai.

Entrevista

1. Como começou sua aproximação com a EF, e o que lhe motivou a buscar formação nessa área?

Heraldo Simões: Bom, primeiro eu queria agradecer ao convite por estar aqui respondendo às perguntas dessa pesquisa. A minha inserção no campo da EF já acompanha minha trajetória desde garoto. Sempre fui muito ativo fisicamente, muito conectado ao movimento. Então, desde criança, os meus pais também me estimularam a isso; meu pai foi lutador de boxe, então, ele sempre brincava muito conosco em casa, de luta e essas coisas... Desde muito cedo... Meu pai trabalhava em São Paulo em um clube e tinha um restaurante nesse clube. Assim, eu fazia todas as atividades esportivas possíveis que tinham lá: natação, futsal e judô. Ele queria que eu praticasse uma atividade de luta e me colocou no judô. Eu fui expulso do judô porque briguei, e fiquei fazendo, por muito tempo, futebol e natação.

Tempos depois, quando vim morar em Fortaleza, com 13 anos de idade, procurei realizar atividades esportivas; praticava futsal e comecei a surfar. Morava em uma cidade praiana, todos os meus colegas surfavam, então comecei a surfar também com 13 anos.

Na mesma rua que eu morava tinha uma academia de Karatê e eu também gostava muito do Bruce Lee. Na época ele era a grande referência para quem gostava de luta, e eu sempre fui muito conectado a isso. Então, fui praticar Karatê nessa academia, que é a academia do meu mestre Luiz Carlos até hoje. Ele era professor de EF, um dos poucos naquela época no campo das lutas (1983). Ele sempre conversava comigo perguntando o que eu queria fazer quando chegasse na idade de prestar o vestibular. Eu respondia: “Quero fazer Educação Física”. E ele começou a me estimular para isso.

Com 17 anos voltei a morar em São Paulo. Nessa época, continuei ligado ao movimento, só fazia luta, treinava Karatê. Surfei também dos 13 aos 17 anos. Já o futsal foi só na época da escola, mas o Karatê não. Esse continuou a vida toda. Em São Paulo fiz exame para faixa preta e passei. Treinava todos os dias e participava de competições. Quando completei 19 anos, minha mãe, que continuou morando em Fortaleza, pede para que eu venha passar umas férias com ela e me inscreve, por procuração, no vestibular da Unifor; o único curso de EF que tinha na cidade. Fui aprovado no vestibular e fiquei morando em Fortaleza.

Então, a minha inserção na EF foi muito pela influência desse professor e pela minha vivência na cultura corporal do movimento, pois sempre gostei de praticar atividade física. E também pelo Karatê; eu queria ser um professor de Karatê melhor. Mas eu me questionava: Como eu já era faixa preta, então em que eu podia me destacar sendo professor de EF?

Obviamente que depois que eu começo a cursar EF, acabo por conhecer as oportunidades que ela oferecia. Uma delas, era a escola. Não tinha uma época fitness como nós temos hoje, com assessorias, corrida, musculação. Todo mundo que ia fazer EF geralmente era conectado a algum esporte, que era o meu caso, com o Karatê. Mas quando chegava lá, o que é que queria aprender? Aprender a ser professor de EF para trabalhar na escola.

2. Podemos entender que havia uma relação muito forte das pessoas que procuravam a área da EF geralmente por serem atletas ou ex-atletas nesta época relatada (década de 80)?

Heraldo Simões: Perfeitamente, a minha inserção ocorreu dessa forma na EF. Eu já era atleta e ministrava aula de Karatê. Inclusive, queria ser um professor de Karatê melhor, mas também me espelhava muito no meu mestre. Ressaltando que ele era professor de Karatê e era formado em EF, e dizia que eu tinha que cursar EF para entender o corpo humano, entender mais de didática.

3. Conte-nos sobre a sua trajetória formativa na área da Educação Física; desde a formação inicial até os dias de hoje.

Heraldo Simões: Sempre fui uma pessoa que gostava de ler, desde a época de escola. O meu pai foi lutador de boxe e ele aprendeu a ler e a escrever somente o necessário; se não me engano ele tinha só até a alfabetização, primeira e segunda série. Teve que parar porque ele era estivador em Santos-SP e lutava para ganhar dinheiro. Mas ele tinha uma coisa interessante: comprava livros, e pedia para nós lermos para ele à noite, em vez dele ler para nós. Eu e meu irmão mais velho ficávamos, até um certo ponto, temerosos, porque quando meu pai chegava à noite, depois que ele jantava, ele ia para a cama e me chamava de negão. “Negão, vamos ali para você ler um livro para mim. Não erre não!”. Interessante que mesmo tendo pouca escolaridade e não possuindo cultura de leitura, mas ele sabia quando eu errava.

Então, a minha trajetória formativa, teve dois caminhos, o caminho formal para conseguir o título, e o caminho da leitura. No caminho formal, eu fiz o curso de EF na Unifor. Entrei no final da década de 80 e me formei em 92. Naquele tempo tudo era muito difícil, muito caro, e eu não tinha condições financeiras para pagar uma especialização. Além do que, não tinha uma especialização na nossa área. Você tinha que ir para o Rio de Janeiro ou para São Paulo se quisesse ser pós-graduado.

Conheci a psicomotricidade durante a graduação em EF. Fiz uma disciplina optativa de psicomotricidade, com a professora Claudia Santos Jardim, e me identifiquei muito. Coloquei na cabeça que queria fazer uma especialização de psicomotricidade. Apesar de ter família em São Paulo, não tinha condições de ir para lá cursar, pois teria que parar de trabalhar, pois eu já dava aula. Esperei, até que teve a primeira turma de especialização em 1999 na Uece. Após, sete anos de formado. Finalizei em 2001 com o trabalho *Testes psicomotores na Educação Infantil – Bateria Psicomotora (BPM): Um estudo de caso em crianças de uma escola particular* (FERREIRA, 2001).

Hoje em dia, as pessoas mal terminam a graduação e já estão fazendo uma especialização. Naquela época não! Nesse ínterim de sete anos a minha formação foi praticamente com livros. Então, a cada mês procurava comprar um livro e ficar tendo uma formação autônoma; livros de didática, português, história, EF...

Sete anos depois que eu curso essa especialização, é quando realmente tomo gosto pelo estudo, porque a minha formação de EF foi muito técnica, mais ligada ao saber fazer. Não tinham disciplinas na área pedagógica, sociológica. Eram disciplinas biomédicas e das práticas da EF. Na década de 80 a EF era assim. Então, quando fiz a especialização, me deparei com as disciplinas da psicomotricidade, e mergulhei a fundo. Comecei a estudar muito, comecei a gostar de estudar.

Quando terminei a especialização em 2001, comecei a tentar de alguma forma entrar no mestrado. Na época era tudo muito difícil. Não tinha os mestrados que nós temos hoje. Para entrar em um mestrado de Educação sendo da EF era praticamente impossível, só tinha pedagogo, e no mestrado de sociologia só tinha sociólogo. Nada para nós. Foi quando depois de uma tentativa, consegui passar no mestrado de Educação em Saúde da Unifor. Eu fiz a graduação na Unifor, a especialização na Uece e voltei para fazer o mestrado na Unifor, de 2003 a 2005. Finalizei com a dissertação: *Percepção sobre qualidade de vida entre crianças de 4 a 6 anos: educação (física) em saúde na escola* (FERREIRA, 2005).

Após, faço o concurso para docente da Uece e sou aprovado, ainda em 2005. Eu já era professor da rede pública municipal e estadual, também por meio de concurso, e era professor de rede privada e também de academia de Karatê. Eu dava aula de 6 horas da manhã até 6 da noite, mas conseguia estudar também. Quando entrei na Uece como docente, realmente passo a me dedicar a universidade.

Em 2008 sou aprovado no doutorado, finalizando em 2011 com a tese intitulada: *Educação física escolar e saúde em escolas públicas municipais de Fortaleza: proposta de*

ensino para saúde (FERREIRA, 2011). Em 2015 fiz o pós-doutorado com a professora Suraya Darido na Unesp em Rio Claro-SP, onde fiquei um ano, finalizando por volta de 2016.

Desde então, continuo com a mesma formação, a que meu pai me obrigava a ler os livros para ele, que é a formação autônoma. Gosto muito de história, de filosofia, mitologia grega e romana, cultura oriental, até por causa das lutas. E gosto, obviamente, muito de psicomotricidade e de EF. São os livros que eu estudo e que eu faço essa formação continuada autônoma.

Fora isso, obviamente que tem os encontros, os seminários, os congressos. Então nunca deixamos de ser alunos, estamos sempre aprendendo. Descobri que aprendo muito com meus alunos, quando estou dando aula, nas bancas, nas discussões. Isso para mim sempre é uma formação continuada. Não é porque eu fiz um pós-doutorado que eu acredito que tenha terminado. Pelo contrário, acho que tem muita coisa para aprender ainda e para discutir.

4. Sabendo que você iniciou sua trajetória profissional como docente da educação básica, que importância você acha que essa experiência tem para o seu desenvolvimento como docente?

Heraldo Simões: Olha, esse ponto, até certa instância, é polêmico. Porque, por exemplo, no colegiado de EF da Uece, eu sempre sou voto vencido. Sempre coloco, quando tem concurso da Uece, para que se coloque como pré-requisito que a pessoa tenha no mínimo uns três anos de experiência na escola, e na hora da votação eu perco. Dizem que assim vou fechar a porta para muitas pessoas; tipo aquela pessoa que se tornou um pesquisador, que terminou a graduação e engatou no mestrado, no doutorado, fez pesquisa, e não foi para a escola. Assim, eu estaria excluindo essa pessoa. Então, esse é o argumento que os meus colegas trazem, e eu respeito. Até porque perdi democraticamente. Respeito, mas não concordo. Continuo pensando que para ser professor de uma licenciatura, para formar professores que vão atuar na escola, a resolver problemas, situações que vão ocorrer lá no dia a dia, você tem que ter pisado na escola. Um aluno que vai fazer uma birra, o outro que vai chorar, o aluno que vai brigar... Isso é muito difícil sem ter tido a experiência da escola.

Quando fui trabalhar na escola não tinha regulamento nenhum de EF. Como falei, eu entrei na faculdade no final dos anos 80, então não havia nem lei de estágio. E só tinha um curso de EF para o Ceará inteiro. É óbvio, que as escolas estavam cheias de gente leiga. Era melhor você ter um aluno de EF dando aula, dos poucos que tinham da Unifor, do que ter um

leigo. Porque na maioria das escolas eram leigos ou um professor de matemática, que continua sendo leigo. Mas ele era um atleta, então dava aula de EF. Era assim, não tinha lei.

Comecei a trabalhar na escola no segundo semestre, com carteira assinada, da educação infantil até o ensino médio. Como eu disse, não tinha regulamento, hoje em dia não é permitido.

Observo que eu tive duas faculdades, uma que me trazia a teoria, que por causa da época era mais prática e me ensinava a fazer. Você tinha que ser quase um atleta de tudo, senão você não era aprovado na disciplina. Voleibol tinha que saber jogar muito bem; basquetebol tinha prova de bandeja pro lado direito, pro lado esquerdo; futebol tinha aula de pênalti, aula de controle de bola, prova de coletivo; no atletismo era quem corria mais, saltava mais... Então, eu tive uma faculdade que me ensinava a fazer, uma faculdade ligada a dimensão procedimental. Mas ao mesmo tempo eu tinha outra faculdade que foi quando eu fui trabalhar na escola. Isso me ensinou demais! Me ensinou como eu deveria tratar o aluno, a resolver problemas, me ensinou a conviver com alunos de diversas formas, a coexistir com outros professores.

Eu fui entender o que era fazer um planejamento já estando na escola; não foi na faculdade, porque eu não tive essa disciplina. Eu ia atrás de livro na biblioteca, nas faculdades de pedagogia. Lembro de ir à Universidade Federal do Ceará (UFC) *campus* do Pici e invadir a biblioteca, porque, na época, a Unifor não tinha Pedagogia. Eu não sabia o que era uma metodologia de ensino, o que era uma abordagem pedagógica, didática. Tudo isso fui aprendendo ao ler, praticamente sozinho, porque na faculdade eu não tive essa formação.

Tive sorte também de trabalhar em escolas que promoviam a formação, como o Estela Maris, que não existe mais, que promovia uma formação quinzenal. Também fui trabalhar em outra escola católica, o colégio Santo Inácio, essa ainda existe, e entre uma aula e outra, nós éramos pagos para estudar. Por exemplo, você dava a primeira e segunda aula, e dava aula novamente no quinto tempo, e para você não ir embora o colégio pagava essas aulas. Mas você tinha que estudar. Estudávamos a pedagogia Inaciana, planejamento e metodologias. Isso, para mim, foi uma outra formação.

Eu considero que a escola foi meu outro diploma, eu tenho o diploma de EF e tenho o diploma do chão da escola. Na minha concepção, é fundamental que o professor que atua no curso de licenciatura tenha uma experiência na escola. De alguma forma ele tem que ir lá e ver como é diferente o que se fala na sala de aula. A diferença entre o que se vive no ensino superior e o que se vive na escola. Uma coisa é ensinar para os alunos da graduação como se dá aula, por exemplo, de jogos e brincadeiras para crianças de 12 e 13 anos. Outra coisa é

pegar uma turma do quinto, sexto ano da prefeitura, ou até de uma escola privada. Com todas as dificuldades que você tem, no dia de hoje, com crianças rebeldes, que sofrem em casa, que vai te peitar... Aí é outra coisa. E como é que você vai aprender isso? Na escola! Então, quando as pessoas falam e reclamam que é uma grande diferença da teoria da universidade e a prática da escola, eu concordo. A universidade tem que se aproximar mais da escola. Não tem outro caminho. Tem que levar o aluno para vivenciar a escola. Todas as disciplinas, deveriam ter algum momento para levar o aluno para a escola. Tá aprendendo lutas? Pois vamos para a escola. Agora é o momento de vocês aplicarem a teoria com os alunos de lá, para ver como é.

Na Uece temos a disciplina de Estágio I - educação infantil, mas é diferente. Você imagina se em todas as disciplinas tivessem que ter ido para a escola! A disciplina de lutas, vamos ver aqui o conteúdo, agora vamos ministrar isso aqui lá na educação infantil. Depois agora vem outro conteúdo, agora vamos ministrar no ensino fundamental, no ensino médio... Porque aí você terminaria o curso com uma certa bagagem, tendo vivenciado problemas, situações, resoluções. Tendo sido abraçado pelo aluno, e na faculdade você não é abraçado pelo aluno. Mas lá na escola tu é. Quando termina a aula o aluno vem e te dá um abraço, te diz obrigado, te dá um beijo, te dá um bombom. E também o contrário, o aluno vai te peitar, vai brigar com você, vai reclamar, brigar com o outro. Naquela hora, quem que te ensinou, por exemplo, a apartar uma briga? Ninguém! Não tem essa disciplina na faculdade! Você vai aprender isso como? Lá na escola. Então a universidade precisa se aproximar.

5. Você atua como docente em programas de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado. Conte-nos um pouco sobre as pesquisas e os principais desafios para a área da Educação Física e seus pesquisadores, neste nível de formação.

Heraldo Simões: Bom, eu sou professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) a nível de mestrado e doutorado. Sou professor e vice coordenador do mestrado em Ensino na Saúde. Oriento alunos de mestrado, doutorado e supervisiono pós-doutorado. Participo de bancas de mestrado e doutorado de cursos aqui no Ceará e em outros estados também. Ainda mais agora com essa tecnologia.

Temos um grupo de estudos e pesquisa em EF escolar, que também promove uma educação voltada para a pesquisa, para o ensino e para a formação. Temos tentado contribuir de alguma forma com a EF formando mestres. Abrindo portas. Por exemplo, eu fui o primeiro professor de EF do PPGE da Uece. Hoje nós temos dois, então desde quando eu entrei, já há

oito anos, nós só temos dois professores, porque é uma dificuldade você ter um professor de EF doutor e que tenha publicação no campo da Educação para entrar no PPGE.

Quando eu entrei lá, por méritos, porque foi um credenciamento, tinha que ter uma pontuação; e minha pontuação em publicação sempre é muito boa. Tenho me mantido entre os cinco professores do PPGE com mais publicações em todos os anos. Mas, na época era muito difícil você ver um aluno de EF entrar no PPGE da Uece. E de lá para cá temos conseguido abrir essas portas. Não só sob minha orientação, mas sob outros professores também. Eles começaram a ver que a EF tem esse potencial. Então contribuímos com a formação de professores já mestres e doutores no programa de PPGE e também no de Ensino na Saúde.

Mas também existem dificuldades! Por exemplo, nós não temos um curso específico de Pós-graduação em EF aqui no Ceará. Creio eu, que por uma grande desunião dos próprios professores que teriam talvez, uma condição de se juntar para abrir um programa de Pós-graduação. Primeiro mestrado e depois doutorado. Se você tivesse um curso aqui de associação ampla, Uece, UFC e Instituto Federal do Ceará (Ifce), com certeza nós teríamos um curso de EF aqui. Mas cada instituição realmente pensa da sua forma, então tem os seus motivos, e tentam lançar seus projetos dos seus próprios programas. Me parece que a UFC uma vez tentou lançar o programa e não foi aprovado. Nós aqui da UECE, eu tive a iniciativa e convoquei os outros professores e lançamos o mestrado profissional que era Ciências do Movimento Humano, e também não foi aprovado; porque segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), tinha muitas características de mestrado acadêmico e não profissional. Me parece que o Ifce agora está no movimento de lançar o programa deles.

Então, temos essa dificuldade de não ter um programa específico. Sempre acaba sendo assim: “Quais são os programas que nós temos professores de EF envolvidos na Uece? Ah, tem o Heraldo e o Ailton no PPGE; tem o Heraldo no CEMEPEPS que é o ensino da saúde; tem o Adriano na nutrição; tem a Paula e o Adriano na fisiologia. Então vamos correr para esses lugares aí”. Assim como, na UFC, da mesma forma no Ifce. Então, as pessoas acabam correndo para cursos que não são da área, mas que tem professores da EF. Creio que essa seja a maior dificuldade e espero que isso acabe o mais rápido possível.

A outra dificuldade é a questão da classificação da Capes para pontuação, principalmente para um doutorado. A maioria dos alunos de EF, obviamente, publicam no campo da EF. Quando os alunos vão concorrer ao mestrado em educação, por exemplo, será utilizada a classificação da Capes da educação, e aí obviamente que isso vai dar discrepância

e o aluno acaba perdendo no currículo para alguém que é de outra área. Então tem essa dificuldade!

Acredito que vai acontecer. Teremos um curso específico ou no Ifce, na UFC ou na Uece daqui há alguns anos. E espero estar contribuindo nesse curso.

Professor gostaríamos de agradecer a entrevista. Muito Obrigado!

Referências

- ALMEIDA, Luciano de; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Professoras de Educação Física: duas histórias, um só destino. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 13-35, abr. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3542>. Acesso em: 02 nov. 2020.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- FERREIRA, Heraldo Simões. **Testes psicomotores na Educação Infantil – Bateria Psicomotora (BPM): Um estudo de caso em crianças de uma escola particular**. 100f. Monografia (especialização em psicomotricidade) – Universidade Estadual do Ceará, 2001.
- FERREIRA, Heraldo Simões. **Percepção sobre qualidade de vida entre crianças de 4 a 6 anos: educação (física) em saúde na escola**. 146f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2005.
- FERREIRA, Heraldo Simões. **Educação física escolar e saúde em escolas públicas municipais de Fortaleza: proposta de ensino para saúde**. 189f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.
- PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes.; GOMES, Daniel Pinto; LIMA, Francisca Edya Esteves de. Lazer e política pública de esporte: entrevista com o Prof. Dr. Fernando Mascarenhas. **Conexões**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 97–108, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8649895>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes.; GOMES, Daniel Pinto. Corporeidade e fenomenologia: o corpo vivo e o corpo vivido de Petrucia Nóbrega. **Conexões**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 240–248, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8651799>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes.; GUEDES, Mileyde Bárabara Santos. Reflexões filosóficas em Educação Física: entrevista com o professor Iraquitã de Oliveira Caminha. **Motrivivência**, Florianópolis, SC, v. 32, n. 62), p.1-15, 2020.
- SANTOS, Núbia Zorzanelli dos; ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. , Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, fev. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3067>. Acesso em: 29 out. 2020.
- SOUZA, S. T. B. de. **História da Educação Física no ensino superior no Ceará (de 1965 a 1976): implicações dessa trajetória [recurso eletrônico]**. 162 f.: il. Dissertação (Mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado Acadêmico, Fortaleza, 2022.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Symon Tiago Brandão de Souza. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Ifce). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Membro do grupo de estudos e pesquisa em Educação Física Escolar (Gepefe-Uece). Contribuição de autoria: realização e transcrição literal da entrevista e revisão textual -

<http://lattes.cnpq.br/9818701809084867>

Arliene Stephanie Menezes Pereira. Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Ifce).

Contribuição de autoria: Formatação do texto, transcrição da entrevista para a para linguagem formal e revisão textual - <http://lattes.cnpq.br/6058632073001777>

Maria Adriana Borges dos Santos. Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (Uece).

Docente da rede Municipal de Maracanaú-Ce. Tutora da Universidade Aberta do Brasil UAB/UECE.

Contribuição de autoria: Revisão textual. - <http://lattes.cnpq.br/4063739427583175>

Como citar este artigo

SOUZA, Symon Tiago Brandão de; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; SANTOS, Maria Adriana Borges dos. Da formação inicial a atuação profissional docente: caminhos percorridos pelo professor Heraldo Simões. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 1, e11242, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v1.11242>